

Primórdios da arqueologia em Monção (Vale do Minho)*

Henrique Barreto Nunes**

Francisco Sande Lemos***

1

Introdução

No século XVIII, no reinado de D. João V, numa fase em que se consolida a independência do reino e se alcança prosperidade, o inventário dos recursos constitui-se como uma das prioridades da Coroa, neles se incluindo os vestígios do passado. Em 1721 é fundada a Real Academia de História, escrevem-se memórias locais ou regionais (Argote, 1728 e 1732), elaboram-se Dicionários Corográficos que abrangem todo o país (Costa, 1706).

O conhecido Dicionário de Luiz Cardozo, embora incompleto, é uma dessas obras primordiais que, por exemplo, descreve de modo circunstanciado o lugar de Abedim, onde se observavam os testemunhos da antiga cabeça do território em que se integrava Monção (Cardoso, 1747).

* Este texto desenvolve a comunicação oral apresentada em 30 de Abril de 2015 no Colóquio de Arqueologia, Património e Turismo no Vale do Minho, celebrado em Monção.

** Bibliotecário. Membro da Comissão Instaladora da Casa Museu de Monção/UM, 2002/2008. hbnunes13@gmail.com

*** Arqueólogo. PhD (Universidade do Minho). sandelemos@gmail.com

Em conjunto com as Memórias Paroquiais subsequentes ao Terramoto de 1755, onde também se podem encontrar referências a pontes e torres militares ou solarengas, algumas já então arruinadas (Capela, 2003), esta vasta literatura compilou as primeiras informações sobre sítios arqueológicos ou patrimoniais.

No século XIX, publicam-se ensaios descritivos de grande qualidade, com excelentes gravuras dos lugares e paisagens, como é o caso de *O Minho Pitoresco* de José Augusto Vieira, editado em 1886. No capítulo dedicado a Monção registam-se apontamentos inéditos acerca de monumentos e antiguidades. Por outro lado *O Minho Pitoresco* divulga imagens de grande qualidade tanto de monumentos como de paisagens, estas da autoria do ilustrador João de Almeida. Encontram-se, por exemplo, nas páginas dedicadas a Monção duas excelentes ilustrações, uma da Vila e outra da Torre da Lapela com base em perspectivas desenhadas intencionalmente a partir do rio, num barquito alugado para o efeito. A Casa Museu de Monção já editou um volume com o capítulo relativo ao concelho, tornando assim mais acessível ao grande público uma obra rara que normalmente apenas se pode consultar em algumas bibliotecas (Vieira, 2002).

Obras como a de José Augusto Vieira assinalam uma nova época da História de Portugal. De facto, encerrado o agitado e sangrento capítulo histórico marcado pelas invasões napoleónicas (1807-1814), Independência do Brasil (1815-1822), guerra civil entre absolutistas e liberais (1828-1834) e a ditadura dos irmãos Cabral (1842-1846), na segunda metade do século XIX as cidades e vilas do nosso país entram num ciclo de relativa prosperidade.

A burguesia entusiasma-se por novos movimentos culturais, designadamente a pesquisa das raízes locais, das antigualhas e do saber ancestral do povo. Em Guimarães, em Braga, e também em Monção.

O pioneiro dos estudos arqueológicos no Minho foi Francisco Martins Sarmiento (1838-1899). No entanto, embora o ilustre vimaranense se tivesse proposto levar a cabo um inventário das Antiguidades de Entre Douro e Minho e apesar dos seus apontamentos serem a primeira referência para numerosos sítios arqueológicos deste espaço (Lemos, 1995), a verdade é que não se interessou

pelo Vale do Minho. A sua actividade limitou-se ao litoral onde costumava ir a banhos, destacando-se Vila Praia de Âncora, onde realizou escavações em antas e castros, nomeadamente no Dolmen da Barrosa e na Cividade de Âncora.

Seja como for Francisco Martins Sarmiento estimulou no Norte de Portugal, pelo seu exemplo e pelos seus trabalhos e mesmo através de doações financeiras, o estudo dos testemunhos do passado longínquo, inaugurando também um sistema em rede de troca de informações que teve seguidores tanto a nível regional como nacional.

Podemos dizer que o jovem Leite de Vasconcelos retirou as devidas ilacções do projecto de Martins Sarmiento e que o alargou para uma outra escala. Na verdade, apesar da diferença geracional e de origem (Francisco Martins Sarmiento nascera a 1838 em Guimarães e José Leite de Vasconcelos em 1858 na Ucanha – Beira), a intervenção destas duas personalidades foi decisiva (tal como a de Estácio da Veiga no Alentejo e Algarve) para o desenvolvimento da Arqueologia Portuguesa nas últimas décadas do século XIX.

Francisco Martins Sarmiento era herdeiro de uma grande fortuna alicerçada em propriedades rurais, o que lhe permitiu seguir um trajecto individual bem definido, apenas limitado pela sua vontade de saber mais e indagar. Leite de Vasconcelos teve de assegurar com seu trabalho o pagamento dos estudos superiores no Porto, onde se licenciou em Medicina, mas investigador incansável desde cedo, e observador atento do universo contemporâneo, estabeleceu contactos e construiu um percurso apoiado no movimento cultural que referimos. Não nos deve surpreender pois a colaboração entre os dois, mau grado o fosso geracional, sendo evidente que desde cedo LV procurou a tutela de FMS.

O opúsculo *Uma Excursão ao Soajo. Notas numa Carteira* descreve uma expedição etno-arqueológica à Serra da Peneda via Soajo, em que ambos participaram, no ano de 1882 (Vasconcelos e Sarmiento, 2008). FMS já mestre reconhecido e o outro ainda estudante, mas já com profundos conhecimentos de etnologia, viajante infatigável das terras portuguesas e leitor arguto das paisagens e dos mitos (Vasconcelos, 1927).

2 Monção

No movimento de “Regeneração” da Pátria, a burguesia assumiu um papel relevante, actuando de um modo consistente, sem criar barreiras ou diferenças no seu interior, designadamente de estatuto social ou financeiro, e incidindo em múltiplas vertentes entre as quais o estudo das raízes de Portugal.

E tal como já sublinhámos noutros artigos (Lemos, 2001; Lemos e Nunes, 2008) tal movimento não se cingiu a Lisboa, ao Porto, à Academia coimbrã e às capitais de província. Em quase todos os concelhos, se registam iniciativas que intermitentes ou continuadas ilustram uma vontade de mudar o país. Este processo abrange o último quartel do século XIX, prolongando-se pelo menos até ao fim da *Belle Époque*.

Nesta comunicação examinaremos com o detalhe possível os primórdios da Arqueologia no Vale do Minho, incidindo sobre Monção. Utilizámos as seguintes fontes documentais: a correspondência de Diocleciano Torres e de António de Pinho dirigida a Leite de Vasconcelos e que se encontra depositada no Museu Nacional de Arqueologia; o caderno de desenhos de Diocleciano Torres que está à guarda do Arquivo Municipal de Monção; jornais locais (e alguns nacionais) e revistas publicadas na época.

2.1 Diocleciano Ribeiro Torres

Diocleciano Ribeiro Torres (Monção, 1841-1916) era agrimensor e contador do Juízo da Comarca (fig. 1). Pessoa estimada na vila, onde se distinguiu por diversas iniciativas de âmbito social e cultural, era desenhador de certo mérito conforme o demonstra o pequeno caderno de apontamentos e desenhos supracitado (que integrava o espólio do dr. J. Garção Gomes), onde reproduz diversos monumentos e sítios. Acompanhou Leite de Vasconcelos em excursões arqueológicas no concelho de Monção, o que é comprovado pela notícia publicada no jornal local *O Regional* de 31 de Agosto de 1902 (fig. 2), certamente a primeira que a Imprensa dedica à arqueologia monçanense.

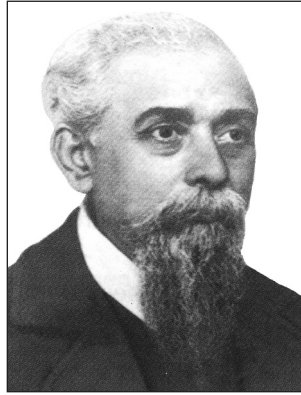


Fig. 1 – Diocleciano Rodrigues Torres.

Na sua digressão scientifica atravez do norte do paiz, passou na nossa villa o illustre archeologo snr. Joaquim Leite de Vasconcellos, sabio director do Museu Ethnologico portuguez e da publicação da especialidade «O archeologo portuguez», dedicando esta sua viagem á investigação das antiguidades da civilisação romana sepultadas ignoradamente por esta parte do velho imperio romano.

O notavel homem de sciencia demorou-se entre nós durante o espaço de umas curtas horas que aproveitou visitando o chamado «Penedo», «Cova» ou «Castello da Moura», no logar dos Milagres, da freguezia de Cambeses, logar em que descobriu á primeira inspecção vestigios claros da dominação e vida romana n'aquelle ponto, observando fragmentos de amphoras de barro e tijolos, arrecadando para o Museu que está confiado á sua tão proficiente direcção diversos exemplares dos objectos encontrados. O snr. Leite de Vasconcellos concluiu do seu rapido exame que no local observado existiu um castro romano, denunciando tam-

bem as posições das pedras que houve alli dolmens. Sua ex.^a admirou tambem muito a fachada principal da nossa egreja matriz, lamentando as barbaridades architectonicas que teem feito do vetusto e lindo templo uma remendada capa de pedinte. Retirando-se, o erudito cultor de antiguidades rogou instantemente o nosso conterraneo snr. Diocleciano Ribeiro Torres para que promovesse pesquisas n'aquelle e outros logares, communicando-lhe os seus resultados e cedendo-lhe para o museu que dirige os objectos de valor archeologico que porventura encontre. O snr. Diocleciano Torres, que offereceu ao insigne archeologo algumas moedas de ferro prateado ultimamente encontradas n'uma escavação realisada na freguezia dos Anhões e que datam do tempo da republica romana (509 a 44 annos antes de Christo), está nas melhores disposições de auxiliar a obra scientifica do snr. Leite de Vasconcellos, devendo em breve dar começo ás primeiras pesquisas, que estimariamos vêr coroadas do mais completo exito.

Fig. 2 – Notícia (sem título) em «O Regional», 31 Ago 1902.

Para além das breves notas registadas no referido caderno, não se conhecem textos de sua autoria, salvo a pequena série de cartas que enviou a Leite de Vasconcelos e que integram o legado do Director do Museu Etnológico de Belém.

Ao todo são seis as missivas que relatam intervenções arqueológicas no concelho. Graças a uma caligrafia perfeita e a um estilo cuidado são de fácil leitura, justificando-se neste artigo a transcrição integral de algumas delas, pois esclarecem e documentam o processo em análise neste texto.

*“Monção, 4 de Outubro de 1902,
Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor:*

É certo que promovi umas pesquisas na Penedia da Cova da Moura. Em todos os sítios em que havia sinais de entulhos mandei fazer regos até ao terreno natural: e apareceram diferentes tijolos grossos muito fraccionados e alguns pequenos cacos de toscos vasos, mas de pouca importância; o nosso maior trabalho foi a abertura de um buraco que dizem ir dar a uma cavidade no interior do monte. Com uma luz de acetileno iluminámos a entrada e fizemos uma perfuração na distância de 12 metros; foi na nossa companhia um italiano professor no Porto que casualmente ali se achava e que me disse ser natural que seja a entrada de um grande gruta pelo que tencionamos continuar as escavações.

Na freguesia de S. João de Longos Vales no monte de São Caetano existe um plano que pode medir 10 a 15 mil metros quadrados, aonde se encontram muitos pedaços de tijolos e uns alicerces de pequenas casas redondas, construídas com pedra pequena e parece que em volta houve uma trincheira ou muro arrasado. Mandeí ao local por duas vezes um homem dali bastante hábil e trouxe-me uma porção de pequenos tijolos que encontrou à superfície mas sem importância; nesse local espero fazer umas escavações mais atentas e levantar uma planta que remeterei a V. Ex.^a logo que a possa organizar. Se alguma coisa aparecer que nos chame a atenção avisarei V. Ex.^a para lhe remeter como desejar. Tenho fé em que o Monte de São Caetano nos há de servir para auxiliar a arqueologia nacional, pelo menos com a existência de uma povoação romana no extremo de Portugal. Recebo as ordens de V. EX.^a de que tenho a honra de ser:

.....

Diocleciano Ribeiro Torres

Supomos que esta carta terá sido a resposta a uma missiva de Leite de Vasconcelos, alertado por uma notícia publicada num jornal portuense. De facto em *O Arqueólogo Português*, VII, 1902, encontra-se o seguinte texto da autoria de LV sob o título de *Antigualhas de Monção* (Vasconcelos, 1902):

“No Norte, do Porto, de 1 de Outubro de 1902, lê-se:

Investigações archeológicas. – Realisou-se há dias a primeira expedição investigadora ao local conhecido por “Cova”, “Penedo” ou “Castello da Moura”, nos Milagres, concelho de Monção, onde existem vestígios de dominação romana. Esses vestígios foram confirmados por novas descobertas, de tijolos romanos, e diversos outros objectos da velha olaria caracteristicamente de fabricação romana. A comissão encetou a abertura da gruta, que se supõe ser o início de passagem subterranea que parece ali ter existido, estudando a configuração e desenhos das rochas, numa das quais se vêem escavações artificiaes. Foram recolhidos os objectos encontrados de maior valor, que vão ser remetidos aos cultores da especialidade, e seguir-se-á brevemente a continuação dos trabalhos. Tomaram parte nestas investigações o architecto italiano, Sr. Michelangelo Soa, e os Srs. Dr. Adriano Maria Cerqueira Machado, José Maria Cerqueira Machado, Dr. António de Pinho, Deocleciano Ribeiro Torres, Padre Simão de Abreu e Mello e Luiz da Rocha Torres”

A completar esta nota Leite de Vasconcelos reproduz quase na íntegra a carta de Diocleciano Torres acima transcrita, embora dividida em duas partes: uma relativa ao Castelo de Milagres e outra respeitante ao Castro de São Caetano (fig. 3). Como se pode deduzir pela carta e nota, publicada em *O Arqueólogo Português*, Leite de Vasconcelos terá lido a notícia do jornal portuense e decidiu apurar a relevância da descoberta tendo-se dirigido a Diocleciano Torres que lhe respondeu dois dias depois.

Na verdade, LV conhecera o agrimensor monçanense aquando certamente de uma primeira deslocação à zona em 23 de Agosto de 1902, tendo visitado o Castelo dos Milagres, sítio que lhe foi indicado por DT. Porém por motivos que LV não elucida Diocleciano Torres não o pôde acompanhar. Compreende-se assim que tenha pedido informações sobre os trabalhos divulgados na Imprensa a quem lhe referira pela primeira vez o local.

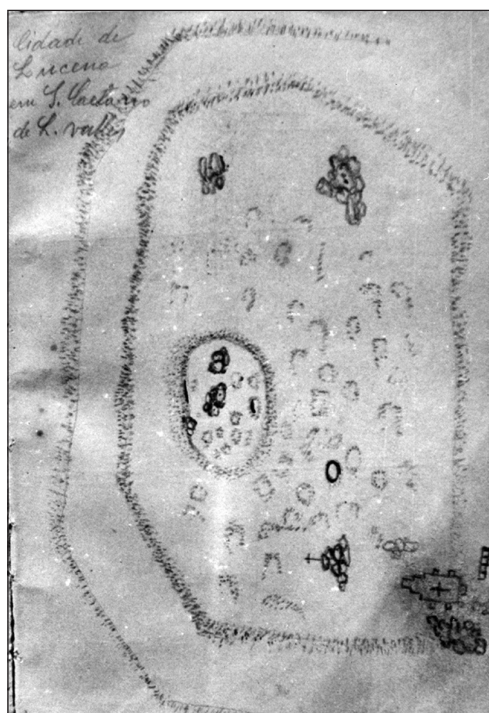


Fig. 3 – O levantamento cartográfico do Castro de São Caetano efectuado por Diocleciano Torres (Arquivo Municipal de Monção, Caderno de Desenhos).

Este episódio confirma o perfil de LV como viajante incansável bem como o projecto do Director do Museu de Belém no sentido de organizar uma base de dados do património arqueológico português. Por outro lado verifica-se que há um espírito de intercâmbio de informações, que não foi tolhido por regionalismos ou uma mentalidade arcaica. Essa ideia de uma comunidade de interessados nos testemunhos do passado era transversal às nacionalidades, como se observa por exemplo no Congresso de 1880 em Lisboa e na consequente excursão à Citânia de Briteiros (Lemos, 1985 e 1988).

Outra epístola deste estudioso de antigualhas, como então se escrevia, diz respeito a um pequeno machado de bronze (fig. 4) recolhido nos cumes designados como as Furnas e que ofereceu ao Museu de Belém.

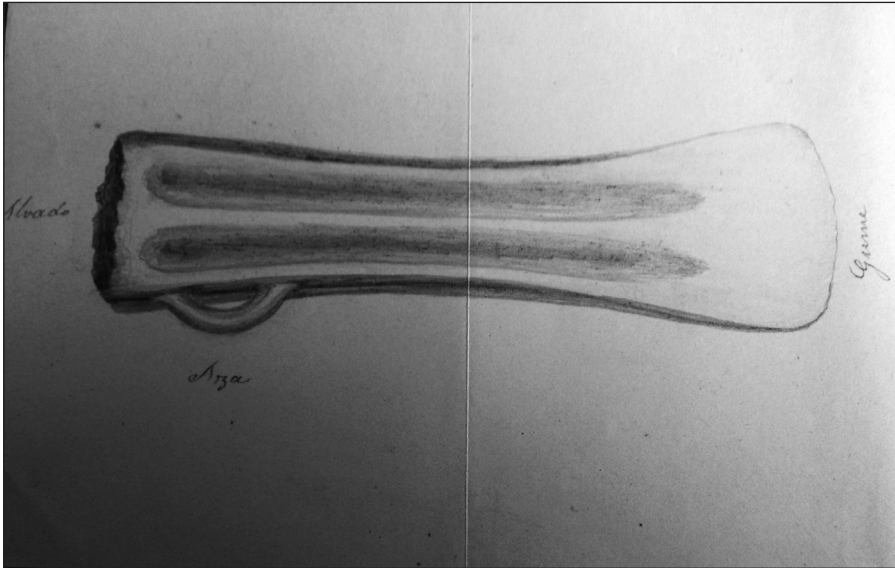


Fig. 4 – Reprodução do desenho da autoria de Diocleciano Torres do machado oferecido ao Museu Etnológico Português (Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia, Legado Leite de Vasconcelos).

“Ilustríssimo e excelentíssimo Senhor:

Incluso remeto a V. Ex.^a o desenho em tamanho natural de uma lança ou machadinha de bronze que foi achada nas Penedias das Furnas = nos limites do concelho de Valença com Monção (local em que fala o Minho Pitoresco) a qual conservo em meu poder. Não sei que valor terá nem mesmo que qualidade de instrumento foi, pois que por ter um alvado, para encabar, me parece uma lança, mas pelo fio parece ter servido de machadinha com asa para prender. Há dias voltei com o Dr. Pinho aos penedos da Moura ou gruta do Agrello e ali tirei uma fotografia do penedo a que chamam das Pias o qual tem efectivamente quatro pias que estavam ainda com água apesar de não ter chovido há tempo e medirem cada uma, ..., um metro de diâmetro. Pegado a este penedo está outro que contém a tal serpe de que se falou no Arqueólogo, livro 10. Continuamos as escavações tirando muitos cacos de tijolos, telhas, e uma espécie de tijolo caiado com muitas camadas de cal que deixei ficar no sítio. Tenho uma moeda de cobre ou

bronze que foi achada nas muralhas antigas desta vila que remeterei a V. Ex.^a assim como a lança se lhe der importância para tanto.
A fotografia do Penedo das Pias remete-la-ei logo que esteja pronta pois parece-me ver nela um altar Druida como aqueles que descreve o sr. Murguia na sua História da Galiza e que encontrou em sítios fronteiros a nós outros, nas margens do Minho. Continuarei a minhas pesquisas e de tudo informarei a V.Ex.^a de quem tenho a honra de ser: Amigo e Dedicado.
Monção, 24 de Fevereiro de 1903,
Diocleciano Torres”

Importa sublinhar o uso de duas técnicas que ainda hoje constituem o fundamento da actividade arqueológica: o desenho e a fotografia. Os desenhos tal como já referimos conservaram-se. Quanto à fotografia perdeu-se, pois não a encontrámos no legado de Leite de Vasconcelos, no Museu Nacional de Arqueologia.

A correspondência de Diocleciano Torres para Leite de Vasconcelos também inclui um postal encimado no canto superior esquerdo pelo desenho de um agregado de penedos sob o título de “Dolman Gigante do Castello dos Milagres”. Diz assim o postal:

“Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor:
Recebi o jornal o =Século= com a notícia dos descobrimentos e oferta de objectos para o Museu Etnológico de que V. Ex.^a é digno Director o que estimei e lhe agradeço.
De V. Ex.^a
Monção, 20 de Julho de 1903.
Diocleciano Ribeiro Torres”.

Regista-se neste postal um aspecto muito curioso, o acompanhamento pela Imprensa de Lisboa das ofertas ao Museu Etnológico, pois o registo desta e o nome do doador vêm referidos em O Século de 18 Jul. 1903 sob o título de “Museu Ethnologico Português”. E logo a seguir, no Jornal de Monção de 23 Jul., é citada esta notícia, referindo as circunstâncias do achado, acrescentando que o machado foi oferecido ao museu lisboeta “onde, ao que consta, não existia nenhum exemplar da arqueologia do Alto Minho”. O intercâmbio de dados e de objectos, a rede em funcionamento não se limita a um grupo

restrito mas alcança um público mais vasto, embora se deva ter em conta que mais de 70% da população portuguesa era analfabeta.

Uma curiosidade: junto ao desenho da suposta anta Leite de Vasconcelos escreveu uma breve nota – “*Não é um dolmen*”.

Trata-se da última carta de DT que figura no arquivo epistolar dirigido a Leite de Vasconcelos. Nesta data já o D. Torres teria 62 anos e embora tenha falecido com 75, talvez já não tivesse as forças necessárias para prosseguir com as suas investigações. Seja por esta circunstância seja por qualquer outro motivo, a verdade é que a sua correspondência com LV termina. Desconhece-se, infelizmente, o paradeiro das cartas do arqueólogo de Lisboa para D. Torres.

2.2

António de Pinho

António José de Pinho Júnior (Monção, 1861-1960), era licenciado em Direito, tendo exercido a advocacia por largos anos (fig. 5). Durante a República foi Presidente da Câmara Municipal de Monção (1926-33) e Governador Civil do



Fig. 5 – António de Pinho.

Distrito de Viana de Castelo (1923/1925). Dirigiu “O *Regional*”, jornal que se publicou em Monção entre 1901 e 1919. Não deixou uma vasta bibliografia, apesar dos inúmeros textos divulgados na Imprensa. Colaborou ainda assim em diversas revistas de destaque regional, casos de “A *Águia*”, “*Arquivo do Alto Minho*”, “*Minia*” ou mesmo de âmbito mais dilatado: a “*Revista Lusitana*”. Pelo que se deduz das suas cartas era um advogado muito activo no Alto Minho deslocando-se com frequência a diversas sedes de concelho, nomeadamente a Melgaço, sendo dotado de uma personalidade forte e espírito belicoso, como aliás é natural nos causídicos.

José Leite de Vasconcelos quando viajava até ao vale do Minho hospedava-se habitualmente em sua casa. A residência de António de Pinho, ainda existente, ficava num ponto central de Monção (actualmente a Praça Deu-la-Deu), cuja fachada pode ser observada em postais da época. Era dono de terrenos rústicos, designadamente de uma quinta próximo do Monte dos Milagres, em Agrelo (Neves, 1959). Casado, foi pai por diversas vezes, sendo este um aspecto a que se refere várias vezes na sua correspondência.

Se o número de cartas ou postais enviados por Diocleciano Torres a Leite de Vasconcelos se resume a seis, das quais transcrevemos três, por as considerarmos as mais interessantes, pelo contrário as missivas de António de Pinho para o Director do Museu Etnológico e que se encontram depositados no Museu Nacional de Arqueologia, somam 31 unidades, que abrangem um período de 33 anos, entre 1903 e 1936, havendo 5 não datadas (Coito, 1999).

Importa destacar que AP tinha outra formação intelectual, como se deduz da sua biobibliografia, sendo bastante mais novo do que D. Torres.

Não é possível neste texto analisar os diversos aspectos que se podem deduzir das cartas, pois seria excessivo, obrigando a muitas páginas e transcrições de excertos, e por outro lado entraríamos no domínio da História Local, o que não é matéria que interesse a esta comunicação. Assim vamo-nos limitar ao que à Arqueologia interessa e a detalhes que permitem esclarecer a ligação entre Leite de Vasconcelos e Monção. Para o efeito transcrevemos algumas das cartas do advogado monçanense, que assinava como António de Pinho:

“Meu ilustre e prezado amigo.

Rogo-lhe que me diga na volta do correio se é definitivamente o dia 10 o

da sua vinda. O trem irá de manhã para descanso do animal, dando o Dr. Vasconcelos as suas ordens ao cocheiro sobre a hora da vinda que preferir. Tenho-lhe cá duas documentações de termos: Laboreiro e foral de Monção e ? de casa? Um tombo.

Saúdo-o como:

?????

Lomba, 7 de Setembro de 1903.

António de Pinho”

O teor deste bilhete assinala uma segunda visita de Leite de Vasconcelos e o facto de o comboio não ir além de Valença (a via férrea só chegou a Monção em 1915), pelos que os viandantes eram forçados a seguir em diligência. Há um postal da época no qual está representada a caleche que habitualmente ia a Valença buscar passageiros. Mas, provavelmente o coche a que se refere António de Pinho seria o seu, o que faz sentido porquanto a sua profissão o obrigava a constantes deslocações no Alto Minho. Para Leite de Vasconcelos que na sua juventude tinha ido ao extremo nordeste do país, à Terra de Miranda, em dorso de mula e dormido em estábulos de tabernas, era um agradável passeio. Aliás em 1903 o Director do Museu de Belém tinha 45 anos de idade.

Outro assunto que atravessa a correspondência é o da estela funerária de Paderne.

“Muito ilustre e bom amigo

Cá estou eu com a diária epístola...É a anunciar-lhe o envio pelo correio da tal prosa do Jornal de Melgaço sobre a pretensão das estátuas e inscrição. Suponho que o signatário do comunicado é um dos membros da junta da paróquia. Se não lhe respondo à letra a chamar-lhe burro é porque não quero de nenhuma forma....”

Esta transcrição parcial de uma missiva datada de 1903 ilustra um dos obstáculos frequentes com que se defrontou Leite de Vasconcelos na organização de um museu representativo do património móvel arqueológico e etnológico de todo o país. Embora não tenha qualquer fundamento a ideia de que o Director do Museu Etnológico estivesse animado por um espírito coleccionista, a verdade é que ele era particularmente insistente em obter determinadas peças

que lhe pareciam relevantes. Por isso foi criticado na época, designadamente pelo Grupo da “*Portugália*” (revista que então se publicava no Porto) e ainda hoje é lembrado o caso da colecção que Estácio da Veiga reuniu para integrar um futuro Museu Regional do Algarve, incorporada posteriormente no Museu de Belém onde se encontra. Ora é possível ler em sucessivos volumes de “*O Arqueólogo Português*” inúmeros textos de LV a incentivar a criação de museus regionais, como por exemplo em Braga (Belino, 1905; Vasconcelos, 1897) onde o projecto apenas fracassou por culpa da respectiva Câmara Municipal.

A carta seguinte (fig. 6) revela que o advogado de Monção tinha mais influência que a Junta da Paróquia de Melgaço...

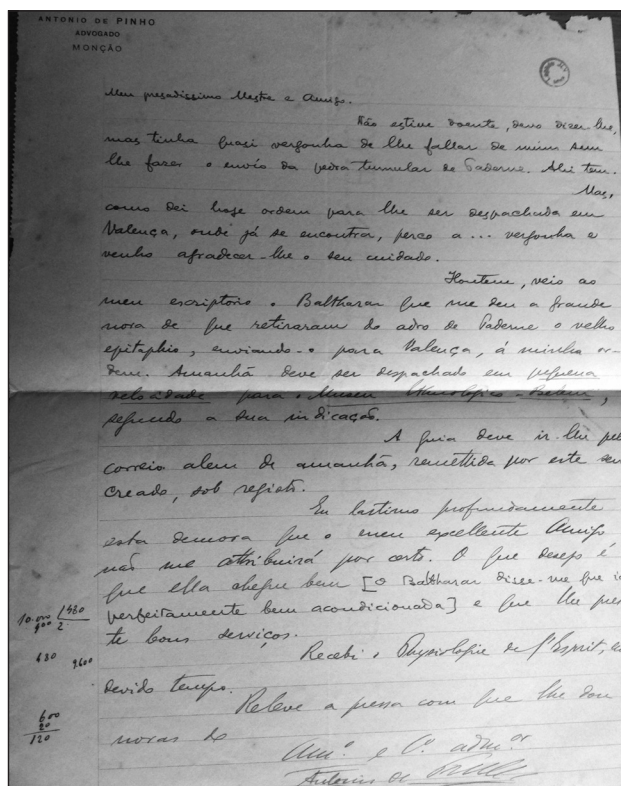


Fig. 6 – Fac-simile da carta enviada por António de Pinho a Leite de Vasconcelos acerca do despacho por comboio da estela de Paderne (Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia, Legado Leite de Vasconcelos).

“Meu prezadíssimo Mestre e Amigo

Não estivesse doente, devo dizer-lhe, mas tinha quase vergonha de falar de mim sem lhe fazer o envio da pedra tumular de Paderne. Aí tem.

Mas, como hoje dei ordem para lhe ser despachada em Valença, onde já se encontra perco... a vergonha e venho agradecer-lhe o seu cuidado. Ontem veio ao meu escritório o Baltazar que me deu a grande nova de que retiraram do adro de Paderne o velho epitáfio, enviando-o para Valença, à minha ordem. Amanhã deve ser despachada em pequena velocidade para o Museu Etnológico – Belém, segundo a sua indicação.

A guia deve ir-lhe pelo correio além de amanhã, remetida por este seu criado, sob registo.

Eu lastimo imenso profundamente esta demora que o meu excelente amigo não me atribuirá, por certo. O que desejo é que ela chegue bem (o Baltazar disse-me que ia perfeitamente bem acondicionada) e que lhe preste bons serviços.

*Recebi a *Phylosophie de l'Esprit* em devido tempo.*

Releve a pressa com que lhe dou novas do

Amigo e ? Admirador

António de Pinho.”

Embora do original da carta não conste a data, de acordo com o registo no Museu Nacional de Arqueologia seria de 20 de Dezembro de 1903. De facto, na lista das aquisições do museu de Belém, publicada em “*O Arqueólogo Português*”, IX, de 1904, está registada a lápide de Paderne (p. 309): “ Por intermédio do Sr. Dr. António Pinho veio para o Museu uma lápide funerária com esculturas e inscrição inédita: provém do Alto Minho.”

No entanto o estudo do monumento epigráfico, sem dúvida de grande interesse científico, apenas seria apresentado três anos mais tarde (Vasconcelos, 1907). Naturalmente LV nos primeiros parágrafos do artigo, agradece a António de Pinho: “*Junto da igreja de Paderne, aldeia do concelho de Melgaço, existia há anos uma notável pedra lusitano-romana, com uma inscrição e figura esculpturadas, a qual fazia parte do lajedo granítico do adro, e estava pois sendo constantemente maltratada por quem lhe passava em cima. Por diligências do meu amigo o Dr. António José de Pinho Júnior, advogado em Monção, e moço ilustrado a quem os estudos de arqueologia e etnografia locais merecem particular estima, a pedra ocupa hoje lugar de honra no Museu Etnológico Português: SECÇÃO LAPIDAR – MINHO*”.

Entretanto os estudos de Arqueologia em Monção entraram numa fase morta, havendo apenas que recordar o achado na Quinta da Lomba (propriedade de António de Pinho) de um machado de pedra que é enviado para Lisboa: *“fica muito melhor no Museu Etnológico, sob o seu paternal cuidado, e o mesmo destino terão, como várias vezes lhe afirmei os objectos idênticos que encontre ou obtenha”* (carta de 9 de Março de 1907).

Finalmente, considerámos pertinente, transcrever uma última carta de AP, já dactilografada, embora parece-nos por alguém do secretariado do escritório do advogado, pois há erros de ortografia que não se observam no epistolário manuscrito.

“Monção, 10 de Outubro de 1913.

Exmo. Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos.

Lisboa.

Meu prezadíssimo Amigo:

Não morri, não senhor; mas suspeitaria de tal tivesse sucedido a V. Excia. se não fora tê-lo visto muito falado nalguns jornais que tomaram à conta o Director do Museu Etnológico, pois fiz-lhe recentemente o envio de uns números da “Fronteira” com uma cartas de Fialho sobre assunto da sua especialidade (a minha esquecida colecção de provincialismos) e ou ela lhe passou despercebida ou se perdeu.

O que não se perdeu foi a Coca de Tarascon (que aqui tenho encaixilhada com vidro de ambos os lados para se ver a gravura e o seu autógrafo) nem agora a de Peitiera que vai ter o mesmo destino. Muito obrigado.*

Eu muito fora de letras e arqueologias, porque, com nada menos de quatro filhos, preciso de trabalhar em coisas mais práticas... No entanto, ainda interessado por esses antigos amores

Amores e seguindo, quanto possível, sobretudo os assuntos que antigamente estudara. Por sinal lá vi num dos últimos fascículos do Rev. Lus. um bem consensioso estudo do Oscar Pratt sobre provincialismos cá do norte que o Cândido Figueiredo aproveitou, e nem sempre bem, para a 2.^a do Nov. Dic..

Nesta ainda vêm alguns erros da 1.^a quanto a muitos provincialismos aqui usados.

Não sei se terei tempo e coragem para reformar o meu trabalho a respeito a par desta nova edição. Não sei. Se tal suceder lá terá o original para o

publicar na Rev. Lus. Ou dar-lhe menos luzida e mais inofensiva aplicação...o cesto dos papéis velhos.

Minha mulher lembra-se a V. Excia. e ambos lhe recordamos que há muito não vem ao Minho.

Nós há bastantes anos que não vamos a Lisboa, porque meus sogros têm vindo à Areosa passar os meses calmosos; mas neste ano abrimos uma excepção, indo passar com eles as festas do Natal. Se o meu caro Dr. José Leite de Vasconcelos aí estiver nessa ocasião, encontrar-nos-emos.

Disponha sempre do

Amigo e admirador

António de Pinho.”

Curiosa a referência velada ao que admitimos ser ao problema da sindicância pedida por Leite de Vasconcelos, na sequência de declarações de um deputado vimaranense acerca do vencimento que auferia como Director do Museu, processo que teve ampla ressonância na imprensa periódica e do qual LV saiu vitorioso tanto a nível pessoal como institucional pois o museu ficou adstrito à Universidade de Lisboa.

De resto esta carta constitui de certo modo um epitáfio que fecha uma primeira fase de estudos arqueológicos em Monção, conforme se pode constatar consultando a bibliografia conhecida (Nunes, 2010).

3

Considerações finais

Em textos anteriores publicados em *O Arqueólogo Português* acerca de Leite de Vasconcelos e a sua influência no Norte de Portugal, desenvolvemos a hipótese do Director do Museu Etnológico ter promovido a formação de uma rede de intercâmbio de informações e de recolha de artefactos. Para fundamentar essa hipótese baseámo-nos nos textos publicados naquela revista e assinados por um vasto grupo de correspondentes distribuídos pelo Minho e Trás-os-Montes. Num dos artigos sublinhámos que o acesso á correspondência

inédita do legado Leite de Vasconcelos permitiria aprofundar o conhecimento do modo como funcionava essa rede. O *zoom* que realizámos sobre primórdios da Arqueologia no concelho de Monção preencheu essa expectativa. Como é óbvio terá de ser alargada a outros concelhos quer do litoral quer do interior, de modo a que seja possível estimar os pontos fortes e fracos, a continuidade e o ritmo.

Em Monção o interesse pela Arqueologia parece ter sido despertado pela viagem de Leite de Vasconcelos em Agosto de 1902, teve continuidade nos anos seguintes mas esmoreceu em pouco tempo, por motivos que não é possível determinar.

Embora o Director do Museu Etnológico se tenha deslocado mais vezes aquela vila, o facto é que tais viagens não tiveram as mesmas repercussões da primeira. Dos dois protagonistas que se destacaram, Diocleciano Torres e António de Pinho, o primeiro cessa abruptamente de colaborar e o segundo, conforme se deduz da carta de 1913, teve de se concentrar em “*coisas prácticas*”.

Aliás Pinho sempre se interessou mais pela Etnologia, Lexicologia e pela História Local, justificando-se que a sua obra, muito dispersa, seja identificada, recolhida e estudada, trabalho que poderá ser orientado pela Casa Museu de Monção.

Para aferirmos se este breve *floruit* da actividade arqueológica foi um fenómeno generalizado teríamos de comparar o processo de Monção com outros concelhos do Norte. De um modo empírico diríamos que foi semilar. Mesmo em cidades de maior relevo, como Porto, Braga e Guimarães, também ocorreu uma fase de maior actividade, a que se seguiu um declínio cortado por breves picos, até que a Arqueologia se expandiu e consolidou em Portugal na década de 70 do século XX.

No caso específico de Monção tem havido uma certa arritmia. Na década de 80 realizaram-se estudos preliminares na área prevista da albufeira da projectada barragem de Sela, os quais não tiveram continuidade pois a construção da hidro-eléctrica não foi por diante (Lemos e Silva, 2014). Na mesma década Maia Marques realizou escavações nos castros de São Caetano e da Senhora da Assunção, tendo igualmente publicado um esboço de carta arqueológica do concelho (Marques, 1986, 1987 e 1991). Porém também não houve continuidade.

Na década de 90 verifica-se um abrandamento dos trabalhos no concelho, salvo duas intervenções de emergência no Convento de Longos Vales (Teixeira e Fonseca, 2003) e na área envolvente da Igreja (Nunes e Lemos, 2009/10).

Os estudos foram retomados com maior dinamismo já neste século.

No Castro de São Caetano um dos locais de referência dos pioneiros da Arqueologia monçanense, realizaram-se sucessivas campanhas de trabalho e publicaram-se os resultados de modo sistemático, fazendo jus à importância do sítio (Lemos, Barros e Sambade, 2005; Martins, 2014). Foi mesmo organizado um Projecto Arqueológico de Longos Vales, dinamizado por Vítor Silva e Anna K. Campos no âmbito do qual que realizaram toda uma série de iniciativas, algumas de âmbito concelhio, desde o estudo científico (Silva e Campos, 2015) à divulgação junto das comunidades locais e arqueológica, incluindo uma página no Facebook: (<https://www.facebook.com/projetoarqueologicolongosvales>).

Já o Monte dos Milagres não mereceu igual atenção por parte dos arqueólogos que intervieram no concelho nas últimas décadas do século XX e na actual centúria. Os trabalhos de prevenção face à ameaça de uma pedreira, concluíram que no local terá existido um castelo roqueiro (Brochado, 2001). É possível. Os vestígios que foram interpretados como um “*altar druída*” por Diocleciano Torres foram classificados como negativos da fundação de uma fortificação, suscitando-se por outro lado a possibilidade de se conservarem galerias de exploração mineira (Brochado, 2001).

De um modo geral, quer reconhecimentos efectuados pela extensão do IPA de Vila de Conde (actualmente integrada na Direcção Regional da Cultura do Norte) quer o desenvolvimento da Arqueologia de Prevenção e de Salvamento, permitiram nestes últimos anos estabelecer uma cartografia mais extensa do património do concelho. Não cumpre neste nosso texto avaliar os dados disponíveis. Na base de dados Endovélico, tutelada pela Direcção Geral do Património Cultural e que pode ser consultada através do Portal do Arqueólogo, encontram-se registados 52 sítios, o que é um valor apreciável embora longe do número previsível.

O acompanhamento da construção de parques eólicos permitiu a o inventário e descoberta de antas e mamoaas, ou seja, nas serras vizinhas do grande nú-

cleo megalítico do Planalto de Castro Laboreiro. Parece-nos, no entanto, que no quadro da Pré-História Antiga ainda há bastante por sinalizar tanto arte rupestre como sítios da Idade do Bronze.

O número de castros já registado é expressivo, sendo talvez a faixa cronológica melhor cartografada.

Surpreende porém a escassez de sítios romanos, considerando a relevância da mineração aurífera, a qualidade dos solos, a existência de um caminho transversal que ligava pela margem Sul do rio Minho, a via XIX ao território da *civitas auriensis* (Ourense). Recordamos que o achado de uma necrópole em Cortes foi registado por Diocleciano Torres que desenhou uma das sepulturas exumadas formada por *tegulae*.

Graças às intervenções efectuadas sabe-se que o monte onde foi implantada a Vila de Monção terá sido um castro, posteriormente romanizado (Almeida e Barra, 2002). Uma recente dissertação de doutoramento defendida na Universidade de Santiago de Compostela e que incide sobre a bacia terminal do rio Minho reuniu importantes dados acerca da Proto-História e Romanização do concelho, bem como sobre a intensa actividade mineira daquela segunda época, nos terraços que marginam o curso de água (Currás Refojos, 2014).

Também os tempos quase desconhecidos da Idade Média carecem de investigação e inventários, assim como os vestígios da Idade Moderna exigem um estudo completo, pois Monção foi uma das praças-fortes da Guerra da Independência.

Enfim, a grande diversidade de locais arqueológicos justificaria que o município organizasse uma Carta Arqueológica sistemática do seu território.

Bibliografia

- ALMEIDA, Carlos Brochado de; BARRA, Odete (2002) – *Acompanhamento Arqueológico na Rua dos Nérís – Monção*. Relatório (síntese) consultado no Portal do Arqueólogo da DGPC.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de (1728) – *De Antiquitatibus conventus bracaraugustani*, Lisboa: Of. Joseph António da Sylva.
- (1732) – *Memórias para a História Ecclesiastica do Arcebispado de Braga, Primaz das Espanhas*. Lisboa: Of. J. A. Sylva.
- BELINO, Albano (1905) – “O Museu de Braga (Projecto)”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S1. 10. p. 15-16.
- BROCHADO, Cláudio R. Laranjeira (2001) – *Levantamento do Petróglypho de Cambeses*. Relatório. Arquivo da DGPC. Portal do Arqueólogo.
- CAPELA, José Viriato (2003) – *Monção na Memórias Paroquiais de 1758*. Monção: Univ. Minho-Casa Museu de Monção.
- CARDOSO, Luís (1747) – *Diccionario geográfico ou notícia história de todas as cidades, villas, lugares e aldeias...* Lisboa: Of. Sylviana e da Academia Real. Vol 1.
- COITO, Livia Cristina (1999) – *Epistolário de José Leite de Vasconcelos*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. (Suplementos a “O Arqueólogo Português”, 1).
- COSTA, António Carvalho da (1706) – *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso reyno de Portugal*. Lisboa: Of. de Miguel Rodrigues. Vol. 1.
- CURRÁS REFOJOS, B. X. (2014) -*Transformaciones sociales y territoriales en el baixo Miño entre la edad del Hierro y la integración en el imperio Romano*. Tesis Doctoral. Universidade de Santiago de Compostela / Facultade de Xeografía e Historia Departamento de Historia I. Santiago de Compostela.
- LEMONS, Francisco Sande (1985) – “A conferência de 1877 na Citânia de Briteiros”. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. S 2. 2. p. 195-214.
- (1988) – “A excursão ao Norte de Portugal do IX Congresso Internacional de

- Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (1880): Braga e a Citânia de Briteiros". *Forum*. Braga. 4. p. 43-56.
- (1995) – "Martins Sarmiento na Arqueologia Portuguesa dos anos setenta e oitenta". *Revista de Guimarães*. Guimarães. 105. p. 117-126.
- (2001) – "Para a História da Arqueologia Portuguesa: Leite de Vasconcelos e a Arqueologia Transmontana". *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4. 19. p. 13-27.
- LEMOS, Francisco Sande; BARRA, Odete; e SAMBADE, Raquel (2005) – *Castro de São Caetano*. Relatório dos Trabalhos de 2005. Braga. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- LEMOS, Francisco Sande e NUNES, Henrique Barreto (2008) – "Leite de Vasconcelos e a Arqueologia do Minho". *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4, 26, p. 253-280, il.
- LEMOS, Francisco Sande e SILVA, Isabel (2014) – "Projecto – Levantamento Arqueológico da Barragem de Sela – Messegães – Monção, Vale do Minho". in CAPELA, J. V. (coord) – *Monção entre Muralhas, com tantas portas quanto os sentidos*. Monção, Casa Museu de Monção (Universidade do Minho), p. 469-484.
- MARTINS, Manuela (2014) – "Intervenções Arqueológicas no Castro de São Caetano, Longos Vales, Monção". In CAPELA, J. V. (coord), *Monção entre Muralhas, com tantas portas quanto os sentidos*. Monção, Casa Museu de Monção (Universidade do Minho), p. 449-468.
- MARQUES, José Augusto Maia (1986) – "Inventário Arqueológico do concelho de Monção. Estado da Questão". *Revista de História*, Porto, 1, p. 73-110.
- (1987) – "Assentamentos Castrejos no concelho de Monção". *Revista de Ciências Históricas*, Porto, 2, p. 77-120.
- (1991) – "Trabalhos arqueológicos no Castro de São Caetano, Longos Vales – Monção". *Revista de Ciências Históricas*, Porto, 6, p. 25-53.
- NEVES, Leandro Quintas (1959) – "O professor Leite de Vasconcelos no Alto Minho". In COLÓQUIO DE ESTUDOS ETNOGRÁFICOS DR. JOSÉ LETE DE VASCONCELOS, Porto, 1958 – *Actas*. Porto: Junta Distrital do Douro Litoral. Vol. 1, p. 123-128.
- NUNES, Henrique Barreto (2010) – "Bibliografia arqueológica de Monção". *Forum*. Braga. 44/45, p. 205-211

- NUNES, Henrique Barreto; e LEMOS, Francisco Sande (2009/10) – “Contributos para a História da Arqueologia em Monção”. *Forum*, 44-45, Braga, p. 203-221.
- RIBEIRO, Orlando (1960) – “Vida e obra de José Leite de Vasconcelos”. In *José Leite de Vasconcellos. Livro do Centenário*. Lisboa: Imprensa Nacional. p. 65-100.
- SILVA, Vítor M .F. e CAMPOS, Anna K. P. (2015) – “Castro de S. Caetano. Um importante povoado central nos finais da II Idade do Ferro (Monção, Norte de Portugal)”. *Férvedes*. Vilalba (Lugo). 8, p. 201-208, il.Vilalba (Lugo) Número 8 Año 2015 Pp.: 201 – 208 ISSN 1134-6787 Vilalba (Lugo) Número 8 Año 2015 Pp.: 201 – 208 ISSN 1134-6787.
- TEIXEIRA, Ricardo e FONSECA, Vítor (2003) – *Relatório da Intervenção Arqueológica no Mosteiro de Longos Vales. Monção. 2002*. Arqueologia & Património – Ricardo Teixeira e Vítor Fonseca – Arqueologia L.da. Porto (consultável na DGPC).
- VASCONCELOS, J. Leite de (1882) – *Uma excursão ao Soajo*. Barcelos: Typographia do Tirocínio.
- (1897) – “O Museu Municipal de Braga”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S1. 3. p. 78-80.
- (1897) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. 1.
- (1902) – “Antigualhas de Monção”. *O Arqueólogo Português*, Lisboa. S1. 7. p. 285-288.
- (1907) – “Estela sepulcral arcaica do Alto Minho”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S1. 12. p. 275-281.
- (1927) – *De Terra em Terra. Excursões Arqueológicas-Etnográficas através de Portugal*. Lisboa. Imprensa Nacional. 2 vol.
- VASCONCELOS, J. Leite de e SARMENTO, F. Martins (2008) – *Uma excursão ao Soajo em 1882*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento.
- VIEIRA, José Augusto (1886) – *O Minho Pittoresco*. Lisboa: Liv. António Maria Pereira.
- VIEIRA, José Augusto (2002) – *Monção em “O Minho Pittoresco...”*. Monção: Univ. Minho-Casa Museu de Monção.

Agradecimentos

Museu Nacional de Arqueologia

(Dr. António Carvalho e Dr.^a Olívia Cristina Coito)

Arquivo Municipal de Monção

(Dr. José Rodrigues)

Dr. José António Barreto Nunes

(cedências de imagens de Monção)

Sr. Fernando Prego

(reprodução de imagens da imprensa monçanense)

Dr. Paulo Gonçalves

(bibliotecário da Associação dos Arqueólogos Portugueses)